

O GURU¹

por Swami Brahmananda²



Swami Brahmananda

Na época atual, encontramos inquietação religiosa quase em todos os lugares. Até mesmo pessoas bem instruídas e que sabem inglês³, deixando de lado seu ateísmo, participam de algum movimento religioso ou outro. Entre os buscadores religiosos, encontramos pessoas de naturezas diversas. Alguns dizem: “Sigam o costume geral, recebam a iniciação do Guru da família, passem o rosário [em oração], façam austeridades religiosas, e podem ter certeza de realizar Deus. Não é necessário renunciar ao Guru da família; é um grande pecado fazer isso. Portanto, recebam a iniciação desse Guru, seja qual for seu caráter, e cumpram os ritos religiosos da melhor maneira possível.” Aqueles que defendem isso adotam o mesmo método. Às vezes, leem ou ouvem o *Mahabharata* ou os *Puranas*, e alguns deles também leem os *Tantras*. Outros, por sua vez, leem por si mesmos alguns dos *Shastras*. Hoje em dia, há traduções disponíveis do *Gita*, dos *Puranas*, dos *Upanishads*, dos *sutras* do *Vedanta*, da Filosofia do *Yoga*, etc. Com a ajuda desses livros, ou às vezes com a assistência de um erudito, eles fazem o possível para captar o significado profundo dos *Shastras*. Dentre esses, escolhem algum método espiritual que harmoniza com seu temperamento e realizam as práticas correspondentes. Eles não reconhecem a utilidade de ter um guru ou, se reconhecem, não o consideram absolutamente necessário. Alguns, por outro lado, não prestam nenhuma atenção séria a essa questão; entre eles, há aqueles que afirmam: “Se não puderem encontrar um *Guru Siddha* (ou seja, aquele que realizou Deus), pouco importa se tivermos um ou não. Quando encontrarmos alguém nessa

¹ Capítulo do livro em espanhol, *El Mensaje de Sri Ramakrishna – por Sus Discípulos Directos*, publicado pelo Ramakrishna Ashrama – Buenos Aires – Argentina (1976).

² Swami Brahmananda (1863-1922) foi um discípulo direto de Sri Ramakrishna e primeiro presidente da Ordem Ramakrishna.

³ Recorde-se que o Swami estava se dirigindo a um auditório hindu, durante as primeiras décadas do século XX.

condição, o aceitaremos como nosso Guru.” Alguns desses buscam a companhia de *sádhus*⁴, enquanto outros não fazem nada.

“Deus é onisciente; certamente Ele vos ouvirá se O rogardes. Ele vos dará tudo o que necessitarem; então, para que serve um Guru externo?” Essa é a opinião de alguns outros. Por outro lado, aqueles que defendem o contrário dizem: “Nada pode ser alcançado sem um Guru, mas não serve qualquer um; ele deve ser um *Guru Siddha*.” Aqueles que foram iniciados pelo Guru da família e cumprem os ritos religiosos de acordo com os costumes prevaletentes, quando questionados sobre seu progresso, invariavelmente respondem que apenas seguem as instruções de seu Guru e não sabem se estão progredindo ou não. “Vocês alcançaram a paz mental?” – “Não, nem isso”, é a resposta. Além disso, nota-se que o amor deles por Deus não cresce dia após dia. Da atração que sentem pela luxúria e pelo ouro, nenhum pouco, sentem por Deus.

Dessas opiniões contraditórias surge a questão: um Guru é indispensável de alguma forma para nossa salvação ou para levar uma vida religiosa e se tal necessidade é absoluta, ou seja, se é completamente impossível alcançar a salvação sem um Guru, então, quais características ele deveria ter?

Para encontrar a solução adequada para esses problemas, devemos recorrer ao raciocínio, aos *Shastras* e aos ensinamentos dos sábios. Vejamos primeiro o que o raciocínio nos diz a esse respeito. Refletindo um pouco, compreendemos que, embora seja verdade que a oração e outras práticas espirituais exijam um esforço individual, o mundo nunca viu ninguém que, logo ao nascer, tenha se retirado para a solidão, sentando-se absorto em meditação. Isso muitos compreendem, pois ninguém será tão tolo a ponto de negar que, ao ler os *Shastras* e outras escrituras, e ao ouvir diversas pregações de pessoas devotas chegaram a formar alguma ideia de Deus e da religião. Até mesmo aqueles que questionam se um Guru é uma necessidade absoluta provavelmente não negarão que, ao nos associarmos com um *sádhu*, passando longas horas na companhia de um sábio, por seu exemplo, progredimos verdadeiramente em espiritualidade; ou que, ao ver a devoção séria do *sádhu* na oração, testemunhando seus atos piedosos e observando outras qualidades, surge em nós um desejo de possuir essas mesmas qualidades. Talvez eles temam ter que render seus respeitos a uma pessoa individual e seguir seus ensinamentos para sempre, pensando: “Como tal atitude pode ser conciliada com a razão?”

A isso pode-se responder lembrando que, seja qual for o ramo do conhecimento que uma pessoa deseje adquirir, surge a necessidade de um preceptor de uma forma ou de outra. Isso não significa que seja impossível aprender algo sem nenhuma ajuda externa, mas o processo se torna mais demorado e expõe a pessoa a uma série de sofrimentos e perturbações. Primeiro, é preciso aprender o que nossos antepassados aprenderam e, depois, se possível, adquirir algo mais — essa é a regra. Essa incorporação de conhecimentos por parte de outros não significa que devamos aceitar de forma mecânica o que os outros têm a dizer; antes, implica um estudo inteligente

⁴ Homens santos.

e um esforço próprio. Aprender algo com os outros significa torná-lo nosso. Isso também é verdade no caso de um Guru espiritual. Se pudermos nos unir por meio de um forte vínculo espiritual a um homem verdadeiramente grande, as verdades realizadas por ele se incorporam facilmente em nossas próprias vidas.

Além disso, um Guru verdadeiramente avançado possui um poder peculiar para compreender a natureza espiritual de seu discípulo, o que o capacita a indicar o caminho que mais facilmente o levará à salvação e à realização de Deus. Se houver a possibilidade de uma associação permanente, o Guru ajuda o discípulo até o último momento, mostrando-lhe como superar todos os tipos de obstáculos que possam surgir durante o *sádhana* (prática espiritual) e ensinando-lhe métodos cada vez mais elevados de prática espiritual à medida que ele progride. Todo aquele que teve a sorte de encontrar um Guru verdadeiro considera que há uma grande diferença entre ser iniciado por um Guru verdadeiro ou por um Guru comum da família. Um Guru verdadeiro, ao iniciar seu discípulo, confere com o *mantra* (fórmula ou símbolo místico) um poder espiritual especial e também dá o *mantra* de acordo com a natureza espiritual do discípulo, de modo que este alcança a meta com um esforço e *sádhana* (prática espiritual) relativamente menor.

Os Gurus verdadeiros também servem a seus discípulos de outra forma. Eles assumem a responsabilidade por eles. Se algum discípulo se desviar do caminho, empregam diversos meios, tanto mundanos quanto espirituais, para trazê-lo de volta ao caminho correto. Se um discípulo, após adquirir um conhecimento perfeito de tudo o que o Guru lhe ensinou, aspira a uma realização mais elevada, está livre para escolher um Guru mais avançado; no entanto, a menos que o discípulo esteja realmente avançado, é necessário permanecer com o mesmo Guru por toda a vida; caso contrário, ele não conseguirá se estabelecer firmemente em seu ideal. Quanto à obediência que se deve às ordens do Guru, é importante esclarecer que um Guru verdadeiro nunca dá ordens injustas; mas é melhor observar um Guru por muito tempo antes de realmente adotá-lo. Não é aconselhável aceitar qualquer um como Guru verdadeiro seguindo um impulso momentâneo. Quem deseja ter um Guru verdadeiro deve viver com ele por algum tempo e examinar seu caráter até se convencer de que ele é um *sádhū* de verdade.

Alguém poderia dizer: “Se tenho capacidade para julgar quem pode ser um verdadeiro Guru, então sou Guru eu mesmo”. Mas isso não é lógico. Vocês não distinguem o bem do mal a cada passo? Se não tivessem esse critério, por que chamam alguns de bons e outros de maus? Se não têm a capacidade de julgar o caráter de um homem e discernir se ele conquistou a luxúria, a ira, etc., se tem grande devoção e sabedoria e está livre da cobiça, então deveriam se sentar em um canto isolado e, com as mãos postas, orar a Deus: “Ó Deus, dá-me o poder de discernir o bem e o mal!” Alguns ficam desapontados ao considerar um homem como perfeito sem examiná-lo a fundo. Uma vez que tendes escolhido um homem como vosso Guru, por que hesitareis em cumprir suas ordens em todos os sentidos? Por acaso poderia alguma vez vos levar ao mal? Fica então esclarecido que apenas aqueles que não tenham

podido se beneficiar minimamente ao serem iniciados pelo Guru da família e estejam realmente ansiosos por realizar Deus, estão livres para escolher um Guru verdadeiro. Agora, pode acontecer que uma pessoa iniciada por um Guru verdadeiro não consiga continuar vinculada a ele, seja porque ele deixou o corpo físico ou está distante. Nessas circunstâncias, se alguém considerar necessário, pode recorrer à ajuda de qualquer outro homem grande, sem abandonar o método de *sádhana* já aprendido do Guru. Diz-se que o Avadhuta⁵ aceitou 24 Gurus secundários.

Vejamos agora o que os *Shastras* dizem a esse respeito. Não é possível, neste breve artigo, analisar exaustivamente o tema do Guru à luz dos *Shastras*. Me limitarei a citar aqui apenas alguns trechos dos *Shrutis*, que são a máxima autoridade. Eles dizem:

“O discípulo que deseja conhecer o Supremo, levando lenha (para o *yajña*⁶) em suas mãos, deve se aproximar de um Guru que seja bem versado nos *Vedas* e tenha a mais elevada devoção a Deus.”

“Quem tem um *Acharya* (Guru) alcança a sabedoria.”

“Tanto aquele que ensina sobre a Alma Suprema quanto aquele que recebe o ensinamento devem possuir qualificações maravilhosas.”

“Aquele que recebeu o ensinamento de um Guru não iluminado não poderá compreender Deus, nem mesmo com longas meditações.”

“No coração daquele grande homem que tem profunda devoção à Alma Suprema e igual devoção ao seu Guru, brota a flor das verdades ensinadas pelos *Shastras*.”

Há muitos trechos semelhantes nos *Shrutis*, e é bem sabido que nos *Tantras* abundam textos desse tipo. Neles encontramos belas exposições sobre as qualidades de um Guru verdadeiro e sobre o que são os Gurus falsos. A essência de todos esses parágrafos é que podemos alcançar a Realização apenas praticando *sádhana* guiados por um Guru verdadeiro. Por outro lado, também se encontram nas Escrituras Sagradas certos trechos como: “Quem quer que seja o seu Guru da família, receba a iniciação dele”, mas esses são, sem dúvida, interpolações posteriores introduzidas por Gurus não autênticos que se desviaram do bom caminho e se tornaram egoístas. A religião não é um assunto comunitário e, portanto, não cabe nela a menor ideia de obrigação social ou costume. O Guru herdado, ou seja, aquele que também foi o Guru do meu pai, pode reivindicar respeito na sociedade, e se meus meios permitirem, também posso dar-lhe honorários adequados, nada mais do que isso. Mas quando em meu coração surge essa autêntica inquietação para realizar Deus, para onde devo me dirigir senão ao lugar onde meus anseios serão satisfeitos? Indo em busca de água, como poderia rejeitar aquele que pode saciar minha sede? Devo ter a liberdade de escolher meu próprio Guru.

Se perguntarmos aos grandes sábios, eles nos dizem: “Aprendendo os métodos de *sádhana* de um Guru que realizou Deus, orientados por ele a cada passo, e a cada

⁵ Monge errante.

⁶ Culto do fogo.

passo iluminados pela luz das verdades que ele realizou, foi assim que chegamos a este estado. Se você realmente deseja realizar Deus, deve seguir o mesmo método”. Todos os grandes mestres afirmam que apenas um Guru verdadeiro pode interpretar a diferença entre o Real e o irreal. É notório que, onde quer que tenha ocorrido uma expansão maravilhosa de qualquer religião, houve por trás disso a ajuda de um homem verdadeiramente grande. Um ditado comum entre as pessoas é: “O poder dessa pessoa se deve às bênçãos de seu Guru”. Nos *Shastras*, lemos que Deus existe, as pessoas dizem que Deus existe, mas um Guru verdadeiro diz: “Eu vi Deus”. Ele também mostra a seu discípulo o caminho para realizar Deus e o conduz lentamente em direção à meta. Apenas ao ver um Guru verdadeiro, surge em nós, de modo natural, um sentimento de devoção por ele. Sua mera aparência nos revela que ele experimentou alguma bem-aventurança suprema e está se tornando cada vez mais absorto nela dia após dia. Assim que nos aproximamos dele, todas as aflições e misérias do mundo se desvanecem, e não resta nenhum traço da vida mundana em nossa mente. Quando, por seu toque sagrado, o poder adormecido de Brahman que carregamos dentro é despertado, o discípulo vê por todos os lados o oceano da bem-aventurança.

O que um discípulo não faria por um Guru tão abençoado? Não é natural que ele sinta gratidão por ele? “Reconheça Brahman na pessoa de seu Guru” – ensinam os *Shastras*. Um sentimento dessa natureza pode surgir em relação a um guru profissional? Mas é natural em relação a um homem que realizou Deus. Agora, há aqueles que apresentam argumentos tão infantis quanto este: “É blasfêmia considerar uma pessoa como Deus” e, portanto, não querem admitir que o Guru seja considerado como o próprio Brahman; devido à sua ignorância e pontos de vista dualistas equivocados, eles veem um abismo infinito entre o Criador e a criação. A essa classe de pessoas, aconselhamos que leiam o *Advaita Vedanta*⁷ com atenção, que tentem compreendê-lo e que, ao mesmo tempo, pratiquem *sádhana*.

Não há necessidade de se preocupar com a questão do Guru ser um brâmane ou um sudra, hindu, muçulmano ou cristão, *sannyasin* ou chefe de família. Aquele que conhece Brahman é um Guru, e qualificativos como brâmane, etc., são meras denominações.

Eu vi muitos gurus neste mundo e também ouvi seus conselhos, mas sem proveito, porque eles não demonstraram ter realizado Brahman; seu apego mundano não havia desaparecido, e eles não tinham discernimento nem renúncia. Aceitar conselhos de um guru comum é tão estéril quanto perguntar a um cego o caminho para um lugar. Eles não podem conferir nenhum poder espiritual com seus conselhos. Eu ouvi, e acredito, que um Guru que chegou a conhecer Brahman transmite a seu discípulo, com o *mantra*, uma força mental tão grande que ele ganha uma nova vitalidade. A partir desse mesmo dia, começa para ele uma nova fé, uma nova vida. Eu ouvi muitas instruções de gurus comuns, mas nenhuma delas tocou meu coração. Certa vez, ouvi Sri Ramakrishna contar a seguinte história a esse respeito:

⁷ Não-dualista, monista.

Um rei havia se cansado do mundo. Ao saber que Parikshit havia alcançado a sabedoria divina ao ouvir o *Bhagavata*⁸ por sete dias, ele mandou buscar um *pandit*⁹ em um lugar próximo e começou a ouvir o *Bhagavata* de seus lábios. Depois de ouvi-lo por dois meses, ele não adquiriu nenhuma sabedoria. Então, perguntou ao *pandit* como Parikshit pôde alcançar a sabedoria ouvindo o *Bhagavata* por apenas sete dias, enquanto ele mesmo não conseguiu nada, apesar de tê-lo ouvido por dois meses. Ao mesmo tempo, advertiu o erudito que, se não desse uma explicação satisfatória no dia seguinte, não receberia nenhuma remuneração. O *pandit* voltou para casa profundamente aflito, pensando com temor no terrível descontentamento do rei, mas sem conseguir encontrar nenhuma resposta, por mais que refletisse. Ele estava seriamente perturbado e absorto em pensamentos sombrios. No entanto, ele tinha uma filha inteligente e muito afetuosa, que, ao ver o pai tão deprimido, insistiu para que ele contasse a causa de sua tristeza. Finalmente, vencido pelo afeto filial, ele se sentiu obrigado a compartilhar o motivo de sua aflição. A jovem riu e disse: “Oh pai, isso não é nada. Eu darei ao rei uma resposta apropriada”. No dia seguinte, o *pandit* se apresentou na corte do rei acompanhado de sua filha, dizendo: “Minha filha responderá à sua pergunta”. A jovem disse ao rei: “Se você quer a resposta, deve fazer o que eu disser”. O monarca concordou, e então a filha do *pandit* ordenou aos guardas que a amarrassem a ela e ao rei em colunas separadas. Recebendo a ordem do rei, os guardas obedeceram. Então, a jovem disse: “Oh rei, liberte-me dessas amarras”. “Não diga bobagens – respondeu o rei –. Como posso libertá-la se eu mesmo estou amarrado?” A jovem riu e disse: “Oh rei, aí está a resposta para sua pergunta. O rei Parikshit era um buscador sério da salvação, e aquele que pregou para ele foi nada menos que Sukadeva, que havia renunciado a tudo, era muito devoto de Brahman e uma alma iluminada. Ouvindo o *Bhagavata* de seus lábios, o rei Parikshit alcançou a sabedoria divina. Mas meu pai, que está muito apegado ao mundo, lê o *Bhagavata* para você por dinheiro. Como você pode alcançar aquela sabedoria ouvindo-o de seus lábios?” Essa história tão instrutiva deixa claro que não há perspectiva de nos libertarmos das amarras sem sermos guiados por um Guru verdadeiro.

Também se ouvem outras opiniões sobre esse tema. Alguns afirmam: “Seja qual for o discípulo, desde que encontre um Guru verdadeiro, alcançará a salvação com certeza”, enquanto outros dizem: “Seja qual for o Guru, o discípulo alcançará a salvação se tiver fé, amor e devoção”. Não negamos que ambas as opiniões possam estar corretas, mas esses casos são muito excepcionais neste mundo. Como regra geral, tanto o Guru quanto o discípulo devem ser as pessoas adequadas. Observamos que há diferenças consideráveis entre os discípulos de um mesmo grande homem, e tudo isso se deve à natureza dos próprios discípulos. Se um discípulo possui devoção, humildade e perseverança, então assimila os ensinamentos do Guru com facilidade. Do que lemos em nossos *Shastras* sobre a relação entre Guru e discípulo, fica claro que

⁸ Escritura sagrada que trata principalmente da vida de Sri Krishna.

⁹ Erudito.

as obrigações estabelecidas para o discípulo treinam sua mente e corpo de tal forma que ele se torna um verdadeiro homem.

Pode-se afirmar que, hoje em dia, é difícil encontrar esse tipo de entrega afetuosa ao Guru e que muitos parecem decididos a abandoná-la. Se essa entrega afetuosa se extinguir em nossa nação, certamente desaparecerão todas as boas qualidades, como fervor, fé, devoção e outras, dando lugar a que a libertinagem reine na sociedade em nome da liberdade. Vocês podem examinar uma pessoa antes de aceitá-la como seu Guru, mas, uma vez que o tenham aceito, devem se preparar mentalmente de tal forma que possam até sacrificar a vida por uma única palavra dele. Muitos pensarão que, se dependermos do Guru a tal extremo, perderemos nossa liberdade mental e acabaremos como águas paradas. Não há fundamento para tal preocupação. Um Guru verdadeiro nunca corta a liberdade mental; pelo contrário, ele guia e instrui seu discípulo para capacitá-lo a alcançá-la e a se firmar sobre seus próprios pés, libertando-se das amarras dos sentidos, da mente, da família e da sociedade, para elevar-se às alturas como um pássaro livre. Quão obrigada se sente as pessoas por uma pequena soma de dinheiro ou um pouco de ajuda material recebida de outros! Por que, então, consideraríamos inadequado demonstrar nossa gratidão àquele que nos levou a conhecer a essência da vida ou os meios para alcançar o mais elevado, e que nos ofereceu ajuda constante para atingi-lo? Não existe nenhum povo tão agradecido quanto os hindus. No dia em que se esquecerem de sua devoção ao Guru, deixarão de ser verdadeiros hindus. Lembrem-se da história no *Mahabharata*¹⁰, da devoção que Upamaniu teve por seu Guru. Essa devoção inabalável, essa fé ilimitada nas palavras do Guru, elevaram a Índia antiga aos mais altos picos de glória. Se a Índia se levantar novamente, será por sustentar essa devoção ao Guru, por reconhecê-lo como o próprio Deus – não como o Deus de nossa imaginação, mas como Deus Manifesto. Somente se estivermos dispostos a sacrificar nossa vida por ele, seremos capazes de grandes realizações. Dessa forma, não apenas poderemos garantir nossa própria salvação, mas também fazer algo por nossa pátria e nossa raça.



¹⁰ Grande epopeia religiosa.